

Castello de S. Jorge

A historia d'esta fortaleza é a chronica de Lisboa em poder dos arabes e sob o governo dos nossos reis da dynastia Capeta ou Affonsina. Fundada pelos primeiros, reparada e melhorada pelos segundos, gosou de grande importancia em quanto foi cabeça d'essas duas cêrcas de altos muros, que fizeram de Lisboa uma fortissima praça de guerra.

No decurso de mais de quatro seculos da dominação musulmana, foi por vezes sitiada e assaltada pelos leonezes e castelhanos, que ora a rendiam á fé christã, ora se viam forçados a abandonal-a ao islamismo, até que os portuguezes expulsaram d'ella para sempre os vencedores dos godos. Mais tarde veiu a servir de residencia aos nossos monarchas, que ahi tiveram os seus paços da Alcaçova, celebres por festas e outros successos que n'elles se passaram.

Quando a cidade rompeu o seu ultimo cinto de muralhas, obra del-rei D. Fernando, e se foi estendendo pelos valles e montes visinhos, começou gradualmente a diminuir a importancia do castello, e perdeu-a de todo para a defensa da povoação, logo que se achou quasi no centro d'ella, e que a nova tactica de guerra condemnou o antigo systema de fortificações. Desde então, e já anteriormente, aquella fortaleza apenas tem tido valia e representação nas commoções populares e nas guerras civis, ameaçando a cidade, ou nas solemnidades nacionaes, expressando o regozijo do povo.

O nome de castello de S. Jorge foi-lhe dado reinando D. João I, que declarou o dito santo patrono da fortaleza e do reino. Introduziu-se no paiz a devoção para com o santo inglez desde a vinda a Portugal de João de Gand, duque de Lencastre, filho de Duarte III, rei de Inglaterra, e principalmente depois do casamento de sua filha, D. Filippa de Lencastre, com o nosso monarcha D. João I. Tambem data d'essa epocha o costume de ir S. Jorge na procissão do corpo de Deus. No tempo anterior chamava-se simplesmente castello ou *alcaçova*.

A parte do norte d'esta fortaleza era a cidadella moirisca, que ainda existe, e se tem conservado com pouca differença. [1] As outras partes tem passado por muitas alterações, que lhe mudaram inteiramente o aspecto.

No principio do governo do mestre de Aviz, a instancias do povo indignado, foram destruidas as torres e alguns lanços de muralhas do lado do sul, por terem ameaçado a cidade nos alborotos que rebentaram logo depois da morte del-rei D. Fernando, durante a curta regencia de sua mulher, a rainha D. Leonor Telles de Menezes. Reinando D. João III, e principalmente no reinado de D. João V, fizeram-se alli muitas obras e mudanças. Porém o que lhe alterou completamente a fórma foi o terremoto de 1755, que derrocou os seus principaes edificios, e a reconstrucção em que alguns foram demolidos, e outros levantados segundo nova planta.

[1] Vid. o artigo a pag. 326 do vol. V, e o artigo e gravura a pag. 341 do dito volume.

Abrange o castello dentro de seus muros a parochia de Santa Cruz, que se compõe de uns 320 fogos, divididos por varias ruas, largos e becos. A egreja de Santa Cruz foi mesquita dos moiros. Consagrou-a ao culto christão el-rei D. Affonso Henriques logo que tomou a cidade, reconstruindo-a mais tarde; mas não conserva vestigios da fabrica primitiva. Arruinou-a inteiramente aquella catastrophe, depois da qual foi reedificada desde os alicerces. Este pequeno bairro fica situado entre a cerca de muros exterior e as muralhas que formam a segunda cerca da fortaleza. Até ha pouco mais de vinte annos era nomeado esse bairro pela extrema immundicie de suas ruas estreitas e tortuosas; porém o tenente general Euzebio Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, sendo governador do Castello pelos annos de 1841 a 1846, transformou-o n'um dos sitios mais aceiados de Lisboa, aformoseando ao mesmo tempo a fortaleza com arvoredo, flores, e calçadas de mosaico, tudo disposto com tanta variedade e tão bom gosto, que a fazem digna de ser visitada como logar de recreio. Da praça de armas, que olha para o sul, e está n'uma elevação de uns 114 metros acima do nivel do Tejo, desfructa-se um dos mais formosos panoramas que esta cidade offerece.

Antes do terremoto existiam no recinto d'este castello — os paços da Alcaçova, então residencia do marquez de Cascaes, alcaide-mór de Lisboa; — a torre do Tombo, que encerrava os archivos do reino, — a torre Albarrã, onde outr'ora se guardavam o dinheiro, joias e tapeçarias da corôa, de cujo thesoiro havia tres chaves de que eram depositarios o prior do convento de S. Domingos, o guardião do convento de S. Francisco da cidade, e uma das dignidades da sé; — os quarteis dos quatro regimentos da corte; — o hospital militar de Nossa Senhora da Conceição, fundado em 1673; — e finalmente a prisão militar, onde estiveram encarceradas muitas pessoas notaveis, e entre ellas D. Gaspar de Haro Gusmão e Aragão, conde duque de Olivares, duque de Montoro, marquez del Carpio, etc., feito prisioneiro na batalha do Ameixial, ganha aos hespanhoes por D. Sancho Manuel de Vilhena, conde de Villa Flor, no dia 8 de julho de 1663. Aquelle personagem é o mesmo que, ao cabo de cinco annos de prisão, vemos figurar como embaixador de Hespanha para a negociação das pazes de 1668. [1] E foram as supplicas d'este fidalgo, impaciente e afflicto com tão longo captiveiro, e as vivas instancias de sua poderosissima familia, o que muito contribuiu para inclinar á paz o animo da rainha D. Marianna de Austria, viuva de Filippe IV, e regente de Hespanha na menoridade de seu filho Carlos II.

Contém presentemente o castello de S. Jorge as casas do governador e do estado maior da praça; dois quarteis de tropa; as prisões militares, e o hospital para os presos. Goza das honras de praça de guerra de primeira ordem.

A nossa gravura representa a vista do castello tirada da alameda de S. Pedro de Alcantara.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA

(Vid. pag. 189)

IV

O TEMPLO

A egreja, communmente chamada *Santa Maria de Alcobaça*, é consagrada a Nossa Senhora da Assumpção. Levanta-se no meio do mosteiro como a basilica de Mafra no centro do palacio real.

[1] Vid. pag. 409 do volume V.

Precede a egreja um espaçoso adro, lageado, tendo de comprimento uns 22 metros, e de largura 26. Fica muito superior ao pavimento da praça, que se estende diante da fachada geral do edificio. Sóbe-se para esse grande patim por tres largas escadarias de pedra. Doze pyramides de cantaria de quatro metros de altura guarnecem o adro pelos tres lados junto ás escadas.

O frontispicio da egreja conta 24 metros e meio de largura, e 42 de altura desde o pavimento do adro até ao remate das torres. Dá ingresso ao templo uma só porta, formada por diversos arcos ogivaes que descançam sobre columnas com seus capiteis de variados relevos. Aos lados da porta estão mettidas em nichos as estatuas colossaes de S. Bento e S. Bernardo, esculpidas em marmore de Carrara. As peanhas, que lhes servem de base, e os baldaquinos que as cobrem, são ornados de muita variedade de lavores. Ficam os dois nichos entre quatro grossas pilastras, sobre as quaes corre em toda a largura da fachada uma varanda decorada com quatro grandes estatuas de marmore, correspondentes ás quatro pilastras, e representando as virtudes cardeaes.

Sobre a varanda continúa a erguer-se a fachada, mas um pouco mais recolhida, e composta de dois corpos. No primeiro abrem-se, entre outras quatro pilastras, tres janellas. A do centro é de fórma circular como oculo, a que chamam espelho. As dos lados são rasgadas de alto a baixo, com a volta redonda e formada de dois arcos, que assentam sobre columnas. Consta o segundo corpo das duas torres e de um nicho no meio d'ellas com uma imagem de Nossa Senhora, decorado com duas pilastras e um entablamento coroado por duas figuras de anjos. A estatua da Virgem é de marmore, e tem 4 metros de altura.

A vastidão da praça, as proporções d'este edificio, a excellente cantaria de que é construido, e as estatuas colossaes, que o adornam, dão á frontaria do templo um aspecto grandioso, que impressiona agradavelmente a quem á primeira vista o contempla. Todavia, passada esta primeira impressão, não póde agradar ao observador intelligente a mistura de estylos diversos de architectura que alli se vêem. Produzem sempre mau effeito similhantes combinações, ainda que taes specimens de architectura representem o bello em cada um d'esses differentes estylos. Porém, se falta esta ultima circumstancia, como succede no presente caso, a combinação, ou melhor diremos, a reunião de estylos é não só desagradavel, mas até repugnante.

Os frades, procedendo no seculo XVII á reconstrucção do templo, deturparam e mascararam por tal modo com modernices o monumento de D. Affonso Henriques, que mal se lhe enxergará presentemente alguma das suas feições primitivas. Na fachada da egreja pouparam da fabrica antiga o portico e as tres janellas, mas cercaram esses specimens de architectura, que ostentam singelas galas do gothico puro, com as decorações desengraçadas e pesadissimas, que entre nós são o distinctivo da architectura classica, ou do renascimento das artes.

Já dissemos sem outra occasião, e repetiremos agora, que este estylo de architectura criou em muitos paizes da Europa esbeltos e formosos modelos; mas em o nosso não foi assim.

Como a sua introducção em Portugal coincidiu com o principio da nossa decadencia, e os progressos d'esta foram tão rapidos, que no mesmo seculo nos arremeçaram do fastigio do poder e das riquezas á escravidão e á miseria, tendo um termo as desgraças publicas ao cabo de soffrimentos de todo o genero, e de immensos sacrificios, no decurso de quasi outro seculo, todos estes males se reflectiram nas bellas artes, que se definharam e corromperam. Tanto degenerou entre nós a architectura classica, que não

erigiu no solo portuguez um só edificio, a que se possa dar com justiça o epitheto de *bello*.

E peior ainda que isto nos veiu causar um grande damno. Trazendo comsigo, e inoculando no paiz o desamor, e ainda mais o desprezo pelo estylo gothico, fez desapparecer innumeraveis edificios gothicos, e a quasi todos que nos restam injuriou e desfigurou como ao mosteiro de Alcobaça.

Apesar do que acabâmos de expender, é este um dos nossos monumentos que mais auxilio podem prestar aos que desejarem estudar a historia da architectura e da esculptura em Portugal, pois que alli se acham representados os progressos d'estes dois ramos da arte em todos, ou em quasi todos os seculos, desde os primeiros tempos da monarchia até ao começo do seculo XVIII.

É uma pena, e além d'isso é uma vergonha, que taes estudos se achem n'este paiz em tamanho atrazo, ou antes em tal abandono e esquecimento, que se um estrangeiro se propõe a fazer uma viagem artistica em o nosso paiz não encontra livro, nem talvez individuo que o encaminhe, e lhe satisfaça a curiosidade nas pesquizas e perguntas a que o levará naturalmente o amor da arte ao visitar esses monumentos que, como os mosteiros de Alcobaça, de Santa Cruz de Coimbra e de Pombeiro, a sé de Braga, e outros mais, offerecem, cada um em si proprio, variados typos de architectura, que os constitue outros tantos capitulos importantissimos da ignorada historia das artes em Portugal.

Não cabe nos limites d'este nosso trabalho a analyse das diversas partes do monumento de que nos occupâmos em relação a essa historia das artes. Ainda que coubesse, não estavamos habilitados para a fazer, mórmente conhecendo nós o edificio em uma unica visita, que apenas nos deu tempo para observarmos n'um relancear de olhos tantas coisas que elle encerra dignas de attenção, e que demandariam estudo applicado e consciencioso.

Entretanto, confessando que não temos por auctorisada qualquer opinião nossa sobre o assumpto, em tudo quanto seja ponto escuro ou duvidoso, não podêmos deixar de expor n'este logar algumas considerações que nos occorreram á vista, do portal da egreja, e que nos levaram a formar um juizo ácerca da sua antiguidade, contrario ao que tem affirmado um auctor do seculo passado, e alguns escriptores nossos contemporaneos.

Dizem que nada resta do edificio, pelo menos na frontaria do templo, da fabrica primitiva. A nós parece-nos que o portal deverá ser o mesmo da fundação de D. Affonso Henriques. Crêmos que esta proposição é a conclusão logica dos seguintes raciocinios.

A fabrica começada pelo nosso primeiro rei só no fim de 74 annos se acabou, como já dissemos, isto é, foi habitado o mosteiro em 1223. Devendo suppor-se com bom fundamento, que uma obra, que levou tantos annos a construir, e na qual se empenharam os esforços de tres soberanos, teria a solidez necessaria para se conservar em bom estado, quando menos, por dois seculos e meio, a não lhe sobrevir algum terremoto, que a destruisse, de que não ha noticia, segue-se que a fabrica primitiva do templo, sobretudo a da sua fachada, existiria tal qual, ou com pequenas modificações, até ao fim do reinado del-rei D. Affonso V.

Não fallâmos do edificio do mosteiro, porque esse teve muitos augmentos desde o reinado de D. Diniz; e tambem na capella-mór da egreja se procedeu a muitas obras de melhoramento e aformoseamento. Mas não consta que em tempo algum se fizesse uma reconstrucção do templo *á fundamentis*.

Admittida a hypothese, que tem em seu favor grandes probabilidades, de que a frontaria da egreja se conservou no seu estado primitivo até ao terceiro quartel do seculo XV, não podêmos attribuir o portico d'aquella egreja ao tempo de D. Affonso V, que então reinava, nem ao dos reis seus successores, pelas razões que vamos expor.

N'esta epocha a que nos referimos (1475) já a architectura gothica tinha perdido entre nós aquella pureza e nobre singeleza que a caracterisaram no reinado de D. João I. No de D. Affonso V começou pois a transição para o *gothico florido*, que muitos chamam *degeneração do estylo gothico*, e que, por se completar e findar no feliz reinado de D. Manuel, com propriedade lhe damos hoje o nome de *estylo manuelino*.

A porta da egreja do hospital de Todos os Santos [1] mostra com clareza que já se achava bastantemente adiantada aquella transição no tempo del-rei D. João II, fundador do dito hospital.

A egreja de Belem foi o ultimo edificio gothico, que se erigiu em Portugal, e na Europa, e a sua capella-mór, á qual el-rei D. Manuel, fallecido em 1521, apenas abriu os alicerces, foi a primeira obra que se fez n'este paiz conforme o estylo classico. Tão grande enthusiasmo excitou este genero de architectura logo que nos chegaram as primeiras noções d'elle, que se poz de parte o formoso e magnifico risco da capella-mór d'aquelle templo, tal como se projectára em vida de D. Manuel, para enxertarem no monumento gothico um typo classico, que dá exuberante testimunho do mau gosto dos edificadores.

A architectura gothica foi proscripta e amaldiçoada como criminosa de alto attentado contra as artes grega e romana. Desde então, se exceptuarmos a reedificação da egreja do Carmo, de Lisboa, começada pelos frades depois do terremoto de 1755, nem uma só fresta, talvez, se construiu n'este reino segundo as regras da architectura condemnada. Os frades de Alcobaça foram muito tolerantes, deixando na frontaria do seu templo a porta e janellas gothicas, quando fizeram a reedificação já referida.

A porta da egreja de Alcobaça revela uma era em que a architectura gothica, começando a emancipar-se da influencia do estylo normando ou bysantino, apresenta certo caracter definido do gothico puro, ou pelo menos decididas tendencias para essa emancipação. Mas essa era, em nossa opinião, teve principio sob o governo do proprio D. Affonso Henriques. A architectura gothica, introduzida em Portugal durante a regencia da rainha D. Theresa, ou pouco depois de seu filho entrar no governo do paiz, foi largando pouco a pouco as feições com que a modificaram na sua entrada os architectos arabes, e os iniciados no estylo bysantino, já então ha muito condemnado na Europa além dos Pyreneos.

No reinado d'aquelle soberano, no de seu filho D. Sancho I, e mesmo posteriormente, ainda se construiram alguns templos em que apparecem combinados os estylos gothico e arabe, e tambem o bysantino; porém é fóra de duvida que em vida del-rei D. Affonso Henriques se edificaram outros puramente gothicos, prevalecendo o systema ogival, sobretudo nas portas e nas arcarias das naves das egrejas e dos claustros.

Com quanto estas edificações denunciassem em geral a infancia da arte na falta de boas proporções entre o todo e as partes, e na sua simplicidade demasiadamente severa, e muitas vezes rustica, parece-nos que se podem classificar como obras de um estylo gothico puro, entendendo-se aqui por este vocabulo, não a perfeição d'aquelle genero de architectura, mas sim a isenção das influencias dos outros estylos.

Geralmente costumâmos empregar a denominação de *gothico puro* para designar as construcções da

[1] Vid. a gravura a pag. 213 do vol. IV.

epocha de D. João I, porque foi n'esse periodo que esta architectura chegou entre nós ao seu maior grau de perfeição e pureza. Porém n'este caso a *pureza* não significa sómente aquella isenção, mas tambem e principalmente a sublime alliança das boas proporções segundo os preceitos da arte, com a elegancia e nobreza das fórmas, com o bom gosto na invenção dos ornatos, e com a intelligente distribuição dos mesmos.

Em fim, havendo noticia escripta das obras que fez el-rei D. Diniz no mosteiro de Alcobaça, e não existindo memoria alguma de que D. João I ou em seu tempo os frades fizessem novo portal na frontaria da egreja, tendo este soberano um chronista seu contemporaneo, e nosso primeiro historiador, que escreveu a historia do seu reinado, e os monges de S. Bernardo um cartorio já cuidadosamente organisado, em que se archivavam não-só escripturas e outros documentos, mas egualmente mui variadas noticias que interessavam a ordem, e com particularidade o mosteiro, podêmos concluir, mesmo abstrahindo de tudo o mais, que se não procedeu a similhante obra n'essa epocha.

D. João I começou a reinar em 1385, isto é, 162 annos depois que se acabou a egreja e mosteiro de Alcobaça. Não é crivel certamente que n'este periodo, curto para a vetustade de um grande edificio, fosse necessario fazer uma nova porta. Crêmos, portanto, que o portico da egreja é o da fundação de D. Affonso Henriques, apenas reparado e limpo na reconstrucção do seculo XVII. E foi sem duvida esta ultima circumstancia, que deu causa a que um escriptor do seculo passado dissesse: *Tem a dita egreja frontispicio moderno, tambem de obra que imita o gothico.*

Pedindo desculpa aos nossos leitores d'esta digressão tão longa, e promettendo emenda no restante do artigo, passaremos ao interior do templo.

Dividem o corpo da egreja, em tres naves, duas ordens de arcos, que se firmam sobre 24 grossos pilares, e dois meios, compostos estes de quatro columnas cada um, e aquelles de oito, todas de marmore, e com uns 14 metros de altura da base ao capitel. O cruzeiro é dividido em duas naves por sete arcos sobre seis pilares, e dois meios embebidos na parede, em tudo eguaes aos do corpo da egreja. A capella-mór é um semicirculo formado por nove arcos, sustentados por oito columnas, e duas meias, tendo no centro o altar-mór, e por detraz dos nove arcos um corredor semicircular, em que se abrem outros nove arcos, similhantes e correspondentes áquelles, sete dos quaes são capellas, e dois dão serventia para a sacristia e para o interior do mosteiro.

Dava-se, e ainda agora se dá a esta fabrica, o nome de *charola*. As egrejas que a possuem mostram n'ella, como a sé de Lisboa, documento authentico de sua muita antiguidade. Data este uso do tempo do imperador Constantino, o grande, que fundou a cidade de Constantinopla para servir de capital ao imperio do Oriente. O primeiro templo que se construiu com charola foi a sumptuosa basilica de Santa Sophia, fundação do mesmo imperador, e que ainda hoje, perfeitamente bem conservada, é a principal das doze mesquitas imperiaes da capital da Turquia. Chamam-lhe os turcos *Aia Sophia*.

As tres naves do corpo da egreja, as duas do cruzeiro, e a capella-mór, tem todas a mesma altura. As capellas da charola são mais baixas.

O comprimento do templo, desde a porta principal até ao fundo das capellas da charola, é de 106 metros e quasi meio. De altura, desde o pavimento até ao fecho da abobada, poucos centimetros lhe faltam para 21 metros. A sua largura excede a 16 metros. Dão luz ao templo 59 janellas, distribuidas pelo corpo da egreja, cruzeiro, capella-mór e charola.

O corpo da egreja retrata ao natural o viver singelo e a simplicidade das ceremonias religiosas nos primeiros tempos da monarchia. Então não tinha capella alguma ou altar, e suas elevadas paredes de cantaria eram completamente nuas de ornatos. Mais tarde modificaram-lhe essa nudez apenas com quatro altares, dois de cada lado. O pavimento de todo o templo é lageado da mesma qualidade de pedra das paredes; e a da abobada é mais inferior, e dão-lhe o nome de *tufo*. É edificada a abobada no gosto gothico com extrema singeleza.

O cruzeiro conta de comprimento obra de 55 metros, e de largura uns 16. Primitivamente tinha quatro capellas collateraes da maior, mas ao diante construiram-lhe mais duas. A segunda nave do cruzeiro é o pantheão real. Alli jazem, em sepulchros de diversos tamanhos e lavores, os reis D. Affonso II, D. Affonso III e D. Pedro I, e as rainhas, suas esposas, D. Urraca, D. Beatriz e D. Ignez de Castro. Além d'estes soberanos tambem ahi repousam varios infantes e infantas, e na capella-mór D. Pedro Affonso, irmão bastardo del-rei D. Affonso Henriques, que, depois de se assignalar no campo de batalha em muitos combates, no mestrado da ordem de cavallaria de Aviz, e n'uma embaixada a França, recolheu-se a este mosteiro, onde professou e morreu.

Os tumulos reaes são as obras de arte mais dignas de attenção que ha em todo o edificio. D'entre elles extremam-se por mais ricos e mais formosos os mausoleos de D. Pedro e de D. Ignez de Castro. O porte magestoso das estatuas dos dois soberanos; a expressão dos anjos, que piedosamente os contemplam ajoelhados em volta da tampa; a delicadeza dos lavores vasados dos baldaquinos que fazem docel aos reaes conjuges; a graça e subtileza com que estão esculpidas as figuras, emblemas e silvados, que por todas as partes guarnecem e cobrem os mausoleos; em fim o feliz pensamento do artista na invenção geral do desenho, são coisas de muito apreço para o espirito, e de grande enlêvo para os olhos. E não são de menos valia para o archeologo e para o estudo das artes, porque ambos os monumentos foram feitos por ordem e em vida del-rei D. Pedro I, que falleceu em 1367. [1]

A capella-mór é espaçosa, pois tem de comprimento uns 16 metros. Adornam-lhe a abobada e o arco de entrada pinturas de brutesco de oiro. As paredes junto ao cruzeiro, e os vãos por cima e entre os nove arcos que a separam da charola, são decorados com obra de talha doirada e bronzeada de bastante primor; com grandes paineis moldurados de talha doirada; com as imagens de vulto de Nossa Senhora e do anjo S. Gabriel, allusivas ao mysterio da Encarnação, e mais oito, tambem de vulto, representando santos da ordem; e com a imagem da Virgem levada ao ceo por dois anjos, e adorada por um côro de oito anjos. Todas estas estatuas são estofadas de oiro.

Não tem retabulo a capella, pois que o altar-mór se ergue, como fica dito, no meio d'ella. Tem o altar uns 6 metros de comprimento, e está encostado a um pedestal de marmore da mesma extensão, e um pouco mais elevado. Levantam-se sobre este pedestal oito estatuas de anjos, de dois metros de altura, tambem estofadas de oiro, e collocadas de modo que sustentam o sacrario pelos quatro lados. É o sacrario um mui rico tabernaculo de fórma pyramidal, todo de talha doirada, com infinita diversidade de lavores delicadissimos. É uma obra de muita excellencia e perfeição.

A capella-mór tem tido differentes reconstrucções, que, apesar de não serem completas, a tem alterado muito, não na sua fórma geral, mas sim nas decorações e n'outros accessorios. A ultima e mais importante foi a do anno de 1676.

[1] Vid. a gravura a pag. 225 do vol. v.

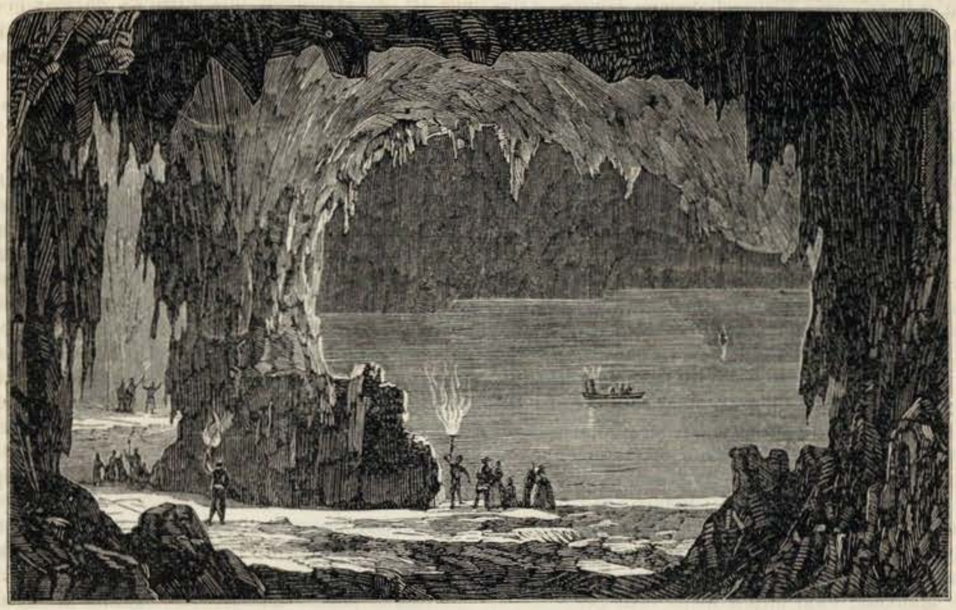
O coro está no pavimento da egreja, e occupa parte do corpo d'esta, e parte do cruzeiro, entrando-lhe um pouco pela segunda nave. Não obstante, está feito de maneira, que não impede a vista da capella-mór a quem entra no templo, pois que é aberto, e o seu orgão ornado de talha doirada, acha-se mettido em um arco, e tambem de modo que não embaraça a egreja. Tem por banda 78 cadeiras, por detrás das quaes sobem outros tantos nichos com figuras em meio relevo, de estatura natural, representando os pontifices, cardeaes, bispos e outros varões illustres da ordem de S. Bernardo. Cadeiras e nichos tudo é de madeira de bordo excellentemente lavrada e guarnecida de bellas esculpturas em mui variados e brincados feitios. Esta obra foi executada no reinado e por ordem de D. Manuel.

Este mesmo soberano, que tambem fez algumas obras na capella-mór, reedificou a sacristia. Acha-se esta casa por detraz da charola. O seu comprimento é de uns 28 metros, e a largura de pouco mais de 8. Tem a abobada de laçaria de pedra com os floraes doirados. No fundo, em frente da porta que deita para a charola, está uma capella oitavada, que encerra grande numero de reliquias santas.

Contiguo á sacristia está o pequeno jardim chamado das murtas, onde se vê uma capella de bastante riqueza em marmores lavrados, e em esculpturas doiradas. É da invocação de Nossa Senhora do Desterro, e foi seu fundador o padre mestre fr. João Paim, religioso d'aquelle mosteiro, o qual obteve de Roma, e na dita capella collocou em um cofre de madeira, guarnecido de talha doirada, o corpo de Santa Constancia, virgem e martyr.

Para outro lado da sacristia fica a capella do presepio, assim denominada por um curioso presepio que encerrava.

A egreja de Alcobaça possuia outr'ora muita riqueza em vasos sagrados, alfaias e paramentos. Pela extincção das ordens religiosas foi despojada de tudo isto. Foram muitos e de grande valor os objectos desencaminhados. Todavia alguns chegaram a Lisboa, aos quaes o governo deu destino. Os quadros attribuidos a Grão Vasco foram para a academia das Bellas Artes; e os objectos preciosos pertencentes ao culto divino depositaram-se na sala forte da casa da Moeda, onde se conservam mui ricas peças de varios extinctos conventos, umas de subido apreço pelo valor intrinseco e pelos primores de arte, outras tambem estimaveis pelo lado archeologico.



Grutas de Mammuth em Kentucky

Na opinião do conde Raczinski, que visitou Alcobaça em 1845, os paineis que ainda restam na egreja são de inferior merecimento, parecendo-lhe mesmo mediocre um quadro, que lhe disseram ser attribuido a Josefa de Ayala, que entre nós goza de celebridade como pintora com o nome popular de Josefa d'Obidos, que era a sua patria.

Citâmos a auctoridade do conde Raczinski por duas razões muito attendiveis: a primeira porque era entendido em bellas artes, e tambem um intelligente cultor da pintura; a segunda porque procurou instruir-se nas nossas coisas, e falla d'ellas e dos portuguezes despido de preconceitos e com imparcialidade e cortezia, segundo o seu modo de ver. Caso é este bem raro, e a que estamos pouco afeitos, porque os escriptores estrangeiros que tem escripto ácerca de Portugal, com poucas excepções, ignoram ou apenas conhecem superficialmente o que ha n'este paiz, o que somos, e o que valemos; e ainda por cima são de ordinario censores severos e apaixonados.

Logo em seguida á suppressão das ordens religiosas fechou-se a egreja de Santa Maria de Alcobaça, e assim esteve por algum tempo, como que condemnada a uma proxima ruina. Depois foi restituida ao culto divino, que ainda alli se exerce, mas sem pompa, pois que faltam as alfaias necessarias para o ornato de tão grande templo.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

GRUTAS DE MAMMUTH EM KENTUCKY

(ESTADOS UNIDOS)

Esta gravura representa uma vista das celebres grutas de Mammuth, no estado de Kentucky, America do norte. Foi copiada da viagem de M. Poussielgue, publicada recentemente no *Tour du Monde*.

Estas grutas são mui visitadas pelos viajantes, scientificos e curiosos, e em tanto numero, que perto da entrada, no valle do *Green River* (Rio Verde), ha uma grande hospedaria, denominada Mammuth-Hotel, que tem quartos para duzentas pessoas.

Eis como o viajante francez nos dá conta da sua visita ás famosas grutas.

«No dia em que eu tentei esta excursão estavam tomados todos os guias, pelo que me propozeram que fosse na companhia de uma sociedade de seis allemães, que tinham á sua disposição um guia mui pratico. Aproveitei a offerta, para me não demorar, porque é preciso cinco ou seis dias para percorrer estas immensas cavernas, de que apenas são conhecidas umas sete ou oito legoas; e todos nós tinhamos tenção de penetrar o mais longe que fosse possivel.

«Vestimo-nos de panno forte, e, bem abafados, caminhámos por um carreiro escarpado no meio de rochas. Alguns minutos depois sentimos uma corrente de ar muito frio, que nos fez tiritar, e logo avistámos no flanco da montanha uma garganta baixa e tão estreita, que apenas cabiam duas pessoas de frente. Ahi accendeu o nosso guia um archote que levava, e um rapazote allemão da comitiva accendeu outro. Quasi todos tiveram de se curvar para seguir as pisadas do guia. O allemão que levava o outro archote fechava o prestito.

«Depois de atravessarmos um longo corredor, á similhança de mina, descemos uma centena de degraus talhados na rocha, e entrámos com muita satisfação n'uma prolongada galeria, alta e larga.

«Esta galeria desemboca n'uma grande sala natural, chamada a «Rotunda», da qual partem muitas avenidas lateraes. Outro corredor, menos estreito que o da entrada, nos conduziu a uma immensa escavação, a que chamam a «egreja gothica», e que póde conter cinco mil pessoas!

«Até aqui não vimos coisa que nos maravilhasse; mas logo que o archote do guia reflectiu nas mil facetas, tão luminosas como as constellações, que taes eram as estalactites da abobada, não podémos reter um grito de admiração.

«O espectaculo era realmente magico. No topo da sala, em frente de nós, as concreções calcareas tinham formado verdadeiras columnas, que, aproximando-se como palmeiras, pareciam sustentar o peso d'esta immensa abobada, cuja altura mede cem pés.

«Entre estas columnas apparece um altar, tendo de cada lado um throno e uma cadeira. Por cima do altar ergue-se, a perder de vista, um orgão magnifico, cujos tubos se prolongam em espiral, realçando todo este quadro muitas estatuas em differentes attitudes, sobre largos pedestaes.

«O altar é ornado de vasos, amphoras, lustres e candelabros. Todas as estalactites reverberavam luzes multicores, que brilhavam com tal intensidade, que nos cegavam.

«O capricho da natureza não imitou nunca tão perfeitamente a arte humana, como n'esta egreja de diamantes, pois tal parece.

«D'aqui por diante, as estalactites e as estalagmites, outras aggregações que as gotas de agua calcarea tinham successivamente formado no solo das grutas, occupavam a abobada e as paredes de todas as avenidas, de todas as salas e cupulas que percorremos, tomando as configurações mais phantasticas que se póde imaginar. Estas maravilhosas cristallisações é que dão os nomes extravagantes que tem os differentes sitios das grutas de Mammuth.

«A egreja gothica fica a meia legoa da entrada. Continuando por uma avenida de um quarto de legoa, toda recamada de estalactites, chega-se á «caverna dos mortos», assim chamada por se acharem alli muitas mumias indicas, provenientes, sem duvida, das antigas tribus que tem povoado o solo americano. Esta caverna servia talvez de cemiterio. Não obstante o nome funebre que tem, é clara e alegre. As mulheres dos guias estabeleceram alli uma especie de café, onde se vendem licores e ha jornaes para ler. Concorrem a esta caverna muitos doentes, principalmente do peito, nos quaes a atmosphera d'estes subterraneos exerce benigna influencia, segundo dizem os medicos do paiz. O que lá vi de mais notavel foi um enorme esqueleto de mastodonte, em pé no meio da gruta, o que dá aso a curiosas perguntas e respostas dos viajantes que são pouco conhecedores dos escriptos do immortal Cuvier.

«N'uma ribeira que perto das grutas corre mansamente pescam-se uns peixinhos completamente privados de vista, que os naturaes comem. Tambem alli estão mulheres vendendo aos viajantes ossos de animaes, que dizem ser ante-diluvianos; e ha quem compre estes suppostos restos de animaes anteriores á creação do homem.

«Da caverna dos mortos passa-se á «capella gothica», reducção em miniatura da egreja que já descrevemos; depois segue-se a poltrona do diabo, cristallisação gigante em fórma de cadeira, que se acha suspensa sobre a boca negra e mysteriosa de um abysmo sem fundo.

«O guia contou-nos, perante este poço aberto diante de nós, um caso pavoroso, succedido havia poucos annos.

«Dois amantes, cujo consorcio não consentia a inflexivel prohibição de seus paes, em vez de se dirigirem a um sacerdote que os ligasse matrimonialmente, preferiram atar-se um ao outro, e lançarem-se n'este abysmo. Uma carta e um lenço de assoar da infeliz, que se acharam na gruta, deram noticia da sua fatal resolução. As familias de ambos, querendo dar-lhes sepultura, offereceram sommas consideraveis a quem ousasse descer ao fundo do abysmo. O nosso guia tentou-se; e, por uma corda de nós, desceu sósinho até á profundidade de duzentos pés; ahi começou a ouvir uns rugidos *mysteriosos*, e sentir um tal cheiro de enxofre, que o obrigou a subir precipitadamente.

«Um dos da nossa sociedade, irlandez, acreditou que estava á beira de uma das gargantas do inferno, e recuou persignando-se e benzendo-se.

«Alguns passos adiante enxergámos a luz do dia, no que tivemos um contentamento indizivel.

«Tinhamos andado uma legoa; estavamos no «zimborio de Ammeth»; e para aqui haviamos feito muitos giros, como n'um perfeito labyrintho.

«Accenderam-se outra vez os archotes para fazer uma excursão de duas legoas até chegar ao porto de Serena, onde, em fim, se sae d'aquellas immensas cavernas.

«Por mais de meia hora descemos uma rampa continua, indo quasi sempre ás apalpadelas, até que chegámos ao «zimborio de Goram», que fica a uns 650 pés abaixo do chão. Atravessa-se depois uma especie de portal, cujas estalactites imitam perfeitamente ogivas e capiteis, o qual dá para o mar Morto, grande lago interior em communicação com o Stys, riacho que segue tranquillamente o seu curso pelas profundezas da terra, e cresce pela infiltração das aguas pluviaes, até se reunir, por canaes subterraneos, ao Rio Verde, que circunda a montanha onde são situadas as grutas.

«N'este lago tomámos um barco para passar ao outro lado do mar Morto. É aqui que param geralmente os viajantes; mas nós continuámos para visitar as passagens mais difficeis, e onde poucos vão.

«Uma serie de galerias e de escavações nos conduziu á «vinha de Martha», distante uma legoa do Styx. D'alli se passa por carreiros alcantilados, ás

montanhas Penhascosas, onde fica o golfo chamado «buraco horrivel,» muito largo, de uma profundidade incalculavel, e no fundo do qual se ouve o referver das aguas.

«Em fim, depois de passada uma estreita galeria, chegámos ao porto de Serena, tres leguas distante da entrada das grutas, e onde devia terminar a nossa excursão.

«Apesar de tão longa viagem, estavamos mui distantes do limite das escavações, que se estendem por outras direcções, até confins desconhecidos.

«Um intrepido explorador, que penetrou cinco leguas mais adiante, n'este dédalo subterraneo, me assegurou que as grutas vão muito mais longe, por caminhos estreitissimos em rochas a pique, sobre abysmos incommensuraveis, que chegam a causar vertigens horrorosas.

«Por isso dei a minha visita por terminada, deixando a outros mais felizes e audazes a gloria de descobrirem o termo d'estes subterraneos espantosos, que tem 226 avenidas; 57 cupulas; 11 lagos; 7 rios; 8 cataractas; 32 poços, ou antes, 32 abysmos, alguns dos quaes são de uma profundidade e de um diametro extraordinarios.»

A MUSA DE ALEMQUER

(Vid. pag. 186)

III

Pouco dormi, ou nada; toda a noite os ratos fizeram um motim infernal. De manhã, quando ia principiando a dormir, fui despertado de choque por José Mauricio, que apparelhava o burro. Ia já a sair o dia, e eu fiz o mesmo; fui passear para a horta, onde, d'alli a um instante, avistei Joanna. Estava vestida com grande simplicidade, e mais bonita por isso mesmo que na vespera. Dirigiu-se a musa, sem ceremonia, até á minha humilde pessoa, e comprimentou-me n'um tom familiar, com um certo ar de protecção, que me deu vontade de rir, e que me não desagradou. Era, na verdade, bonita aquella Joanninha, principalmente quando se esquecia das suas nove irmãs.

A horta tinha uma saida para os campos. Sem nenhum de nós dar por isso, fomos andando por alli fóra a conversar. Joanna encostava-se ao meu braço; pareciamos amigos velhos. Fallava-me de Lisboa, patria dos seus sonhos, com o ar de quem dizia que estava já a gloria a fabricar-lhe coroas.

— Quer deixar para sempre esta terra que a viu nascer? — exclamei.

— Os meus versos a tornarão immortal! — respondeu-me.

— Deseja, pois, trocar pelo ruido, pela lucta, pelos desgostos, o silencio suave e a fresca serenidade dos campos?

— Cumpre que obedeça ao meu destino; bem viu o que diz aquella carta de um escriptor afamado da capital — a aguia precisa horisontes!

— Vão perdel-a, Joanna; tome conta em si!

Ella olhava-me pasmada, e sorrindo.

— Não tenho, porventura, condições para a scena? Acha-me velha, feia, com uma voz desagradavel, e sem a intelligencia necessaria para a comprehensão dos papeis? Não poderei eu propriamente escrever peças em que o caracter da heroina se ageite ao meu, e realisar pouco a pouco as minhas ambições pelos triumphos, que a arte ha de conceder ao talento?

Quando eu lhe descrevi quanto é acanhado, quanto é penoso o destino litterario e artistico na nossa terra; quando lhe fiz sentir até que ponto é ingrata a nossa gente para com aquelles a quem admirou um dia, estimando, por crueldade mesquinha de animo, quebrar os idolos que já ergueu; quando lhe contei o que soffreu Garrett, o que tem soffrido Castilho, o que Emilia das Neves tem padecido; quando lhe expliquei que entre nós a gloria é um relampago mais fugitivo e ephemero que em toda a parte, e que não se estimam por cá senão os mediocres, por serem os unicos que não incommodam ninguem; quando lhe contei quantos tenho eu visto partirem de cabeça erguida, e voltarem baixando a fronte, porque os ramos que lhe offereciam de longe flores e fructos, levantaram-se de subito; os caminhos que suppunham de areia n'um declive suave, eram escarpados e escorregadios, e as mãos que se lhes offereciam retiraram-se, trahindo-os o futuro e a gloria escapando-lhes; quando eu lhe disse tudo isto, ella redarguiu-me simplesmente:

— Ora, adeus! O que fôr soará!

E fallava-me outra vez na carta.

— Mas, menina, essa carta não significa nada! Dirigiu uns versos a um escriptor, o escriptor respondeu-lhe: olhem o milagre! Disse-lhe que a julgasse, elle pagou-lhe com duas galanterias. Essa carta, alegria e orgulho de Joanninha, anda ha que tempos pela provincia, dirigida a variadissimas creaturas, que fazem seu verso!

— Talvez tenha ahi alguma na sua algibeira? perguntou-me n'um tom ironico.

— *Chi lo sa?*

Voltámos para casa. Pelo caminho adiante ainda tentei abalar a sua resolução; cheguei por um momento a suppor que o conseguia.

— Não! exclamou ella de repente, como fallando a si propria: não póde ser!

Depois, voltando-se para mim:

— E de mais, diga lá, que quer que eu faça? Entende que a minha vida deve ir correndo na estalagem de meu pae?

Tivemos de ficar ambos calados.

No dia seguinte, ao sair do sol, disse adeus a José Mauricio, dei-lhe de conselho que se curasse da paixão, montei n'um cavallo de aluguer, e segui para a Durruivos. Da Durruivos fui para Peniche, e de Peniche para a Nazareth. Decorridas seis semanas, quando passei de novo por Alemquer, fui á estalagem, e disseram-me que Joanna partira com sua mãe para Lisboa havia dias, e ainda não tinham noticias d'ella. Achei o santo homem Mattoso a modo triste, mas com esperança no futuro glorioso da musa. Maria pareceu-me menos alegre que de costume; é que essa não participava da cegueira do pobre pae.

— Já não é chalaça, senhor, disse-me ella enxugando os olhos com o avental. Já foram por ahi fóra! Sabe Deus o que será ainda! Duas fracas mulheres n'aquella Babylonia, sósinhas! Bem sei que a Joanna tem a lyra, mas antes lhe eu queria um marido! Meu pae vendeu a adega, e um bocado de vinha que tinhamos ahi. Tudo são tristezas! Pois o José Mauricio! Já não come nem bebe, vive de chorar; por isso tambem está amarello como um junquilho, e magro como um carapau ao fumeiro!

— O José Mauricio é um pedaço de asno; estivesse eu no caso d'elle, que ha já muito tempo estaria consolado.

Ella entendeu-me, fez-se córada, e voltou costas.

Com a noite appareceu Mauricio em casa. Fazia pena vêl-o. O pobre diabo não tinha senão pelle e osso. Tinha virado o carro n'essa tarde com tres passageiros, e um, que quebrára a cabeça a valer, queria dar cabo d'elle. Ao saber de mais este desastre, o Mattoso saiu de si, e quiz despedir o rapaz. Maria e eu pedimos-lhe muito que o não fizesse. Em quanto a elle, não parecia reparar em nada d'isto. Maria serviu-lhe a ceia; não lhe tocou senão com os beiços. N'essa mesma noite veiu ao meu quarto, para se

aconselhar commigo. Estava resolvido a partir para Lisboa, e tornar-se aqui aos olhos d'ella um homem notavel em qualquer ramo.

— Você é um pateta, disse-lhe eu. O conselho que lhe eu dou é de não continuar a virar o carro, engordar mais, e ver se casa dentro de seis mezes com uma bonita rapariga que morre por você!

— Pois ella gosta de mim! Palavra?

— Tão certo como eu estar vivo!

— Disse-lh'o ella?

— Se ella m'o dissesse não teria eu tanta certeza!

— Gosta de mim!

— Pódes crer-me.

— E dentro de seis mezes volta para aqui, para casar commigo?!

— De quem está fallando?

— D'ella.

— De quem?

— Da Joanna.

— Passa fóra! Vá para o diabo, que o leve! Feche lá essa porta, apague a luz, e deixe-me dormir! resmunguei eu com um humor feroz.

De volta a Lisboa, ouvi fallar aos livreiros, em fins do inverno, de uma menina de muito talento poetico, que recitava versos de sua composição, e queria publicar dois volumes.

Tempo depois, pelos primeiros dias de abril, indo pelo Chiado a *flanar*, encontrei-a dando o braço a sua mãe. Apesar de ir vestida com certa elegancia, a honesta locandeira respirava um pouco á sua estalagem de Alemquer; a filha ia fresca, elegante e risonha como a primavera. Respondeu ao comprimento que lhe fiz, com um sorriso gracioso, e um gesto amigavel. Trocámos apenas algumas palavras, mas convidou-me a ir vêl-a, e disse-me onde estavam morando.

Não lhe deixei esperar por muito tempo o triumpho que a minha visita estava proporcionando ao seu amor proprio; fui vêl-a no dia seguinte.

Morava com sua mãe na rua das Flores; recebeu-me n'uma especie de *boudoir* a que chamava gabinete de trabalho, verdadeiro sanctuario que nada tinha de commum com a baiuca da estalagem. Joanna estava só; na sua qualidade de musa, gozava de uma liberdade que de ordinario não se concede ás meninas educadas como simples mortaes: succede á poesia o mesmo que ao casamento, emancipa os menores. Fez-me sentar a seu lado, e poz-se a enrolar um pouco de tabaco marylande n'uma mortalha de palha de milho. Era uma boa rapariga, por fim de tudo. Fallou-me logo, e sem embaraço da estalagem onde eu a encontrára da primeira vez, de seu pae, da irmã, e do pobre José Mauricio; fez-me lembrar a rir do serão litterario a que assistira com o sr. Zeferino, o regedor, o feitor da mala-posta e o cirurgião. Regozijou-se, coitada! a esmagar-me com os seus triumphos e glorias. Tudo lhe sorria, tudo a festejava, ia ser um encanto a sua vida. Já conhecia uns poucos de litteratos, e dois actores celebres, Rosa e Taborda. Havia de ir essa semana passar uma noite a casa de Emilia das Neves, e outra a casa da Soller. Já havia ido dois sabbados ás *soirées* litterarias e artisticas de Castilho, onde se fizera apresentar por um dos nossos poetas mais distinctos. Contava com o producto da venda de seus livros para cobrir as despezas e viver bem; o editor não lhe tinha dado trinta libras pelo primeiro livro, mas tinha-lh'as ella dado a elle, para se encarregar da publicação, que fosse a mais esmerada e a mais primorosa. Accendeu um cigarrito a um phosphoro, e, recostando-se n'uma almofada, disse-me:

— Parece-lhe invejavel a minha sorte? Pois confesso-lh'o, enfastia-me a cidade, e a gloria importuna-me. Ha no fundo da alma humana um vacuo, que não se enche. Toda a minha ambição é comprar uma casa nos arrabaldes de Lisboa, e viver alli com a minha familia. Espero não morrer sem realisar este sonho.

Felicitei-a quanto pude, e retirei-me com o coração cheio de tristeza.

Passou-se quasi um anno sem eu a tornar a ver. Publicaram-se as poesias, mas venderam-se sete exemplares. Havia já immenso tempo que eu não ouvia fallar de Joanna. Uma noite de outono encontrei-a só, ao Loreto. Estava magra, pallida, vestida de preto. Pareceu-me affligir-se de me ver. Fiz-lhe perguntas de quem se interessava por ella; soube então que lhe tinha morrido o pae, e que, em poucos mezes, Maria devia casar com José Mauricio.

— Porque motivo, lhe perguntei, se aventurou d'esta maneira sósinha, tão tarde, até fóra do seu bairro?

— Venho do ensaio.

— Do ensaio?!

— Sim, estou no theatro.

Contou-me então que havia deixado a rua das Flores e estava morando n'um quarto andar a S. Pedro de Alcantara; que vinha do Gymnasio, onde devia estrear-se d'alli a seis dias, esperando passar depois para o theatro normal.

Acompanhei-a até á porta, offereceu-me para entrar, e, sem maior reparo, entrei.

— Vae achar a casa n'uma desordem que me envergonha. Minha mãe está um pouco doente.

— Terei muito gosto em lhe fallar!

Não insistiu mais, e eu fui trepando, sem me lembrar que ia humilhal-a tanto no seu amor proprio, quanto a havia lisongeado um anno antes. Não comprehendi a minha tolice, senão quando entrei n'uma casa triste e feia, em que nunca dava o sol.

— Deixámos o bairro da moda; gosto mais d'este sitio, disse-me ella; é mais propicio a quem tem de estudar. E depois, vejo as arvores do jardim, e fazem-me lembrar o campo. Na primavera o vento ha de trazer-nos o perfume d'aquellas flores!

Tentou fingir semblante alegre; não o conseguiu. Sem ella mesmo dar por isso, misturava-se-lhe a amargura nas palavras. Não se queixava, mas estava-se a ver que passava revezes. Escondeu-me a historia dos seus desenganos, mas eu proprio poderia contal-a. Ao principio tinham-lhe feito festa, como se usa em Lisboa para com tudo que é novidade; tomaram-a como um entretimento, atiraram-a depois para o canto, como um chapeu que já não se põe. Só a musa se lhe conservára fiel. Joanna recusára baixar-se até á prosa; estava a terminar um poema, mas os livreiros não podiam ver-se livres das poesias d'ella, os jornaes não lh'as annunciavam, o dinheiro ia-se acabando, a idéa do theatro surgiu cercada do seu cortejo glorioso, os ramos, os versos em papel de côr, os pombos, os applausos, uma escriptura, — o pão doirado!

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.

EXEMPLO CLASSICO

Para a Escriptura Sagrada chamar aos homens nescios e ignorantes, diz que são como as aves que se afogam no laço, e como peixinhos que morrem no anzol. Não lhes chama aves mortas com tiro, nem peixes pescados na rede, porque estes morrem porque mais não podem, e aquelles acabam a vida porque mais não querem. Não quer a ave advertir, porque é ignorante, que, debaixo do que lhe parece appetite, está encoberto o laço da morte: não quer o peixinho considerar, porque é simples, que n'aquillo que lhe parece gosto está escondido o anzol da sua perdição.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS